

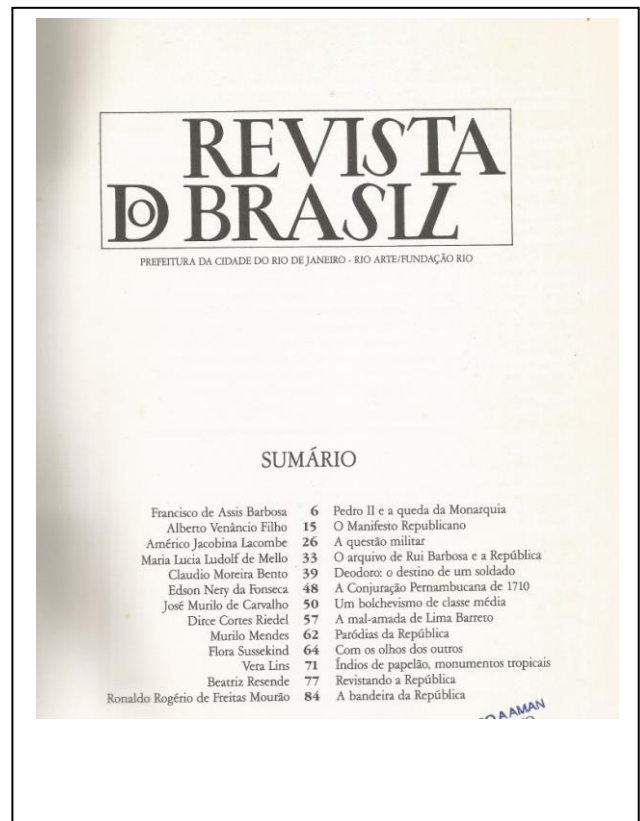
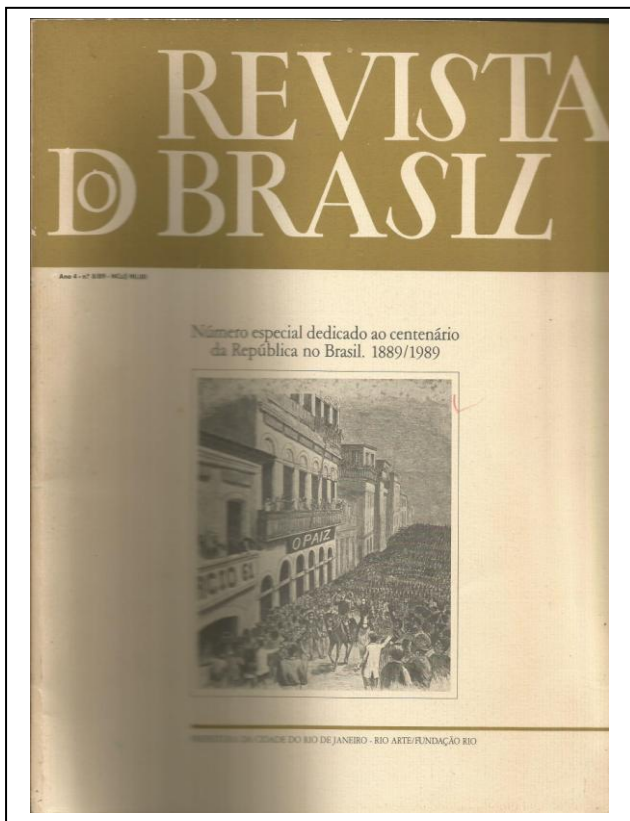
DEODORO: O DESTINO DE UM SOLDADO



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academis Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.

Artigo digitalizado da Revista do Brasil 1989, comemorativa do Centenário da Proclamação da República, para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB na AMAN para disponibilizá-lo como informação. no programa PERGAMO de Bibliotecas do Exército. Foi nesta Revista que o então Capitão Augusto Tasso Fragoço em tratamento na Europa para solucionar seqüela de ferimento a bala recebido na Ponta da Armação em combate a Revolta na Armada que sugeriu a criação no Exército do Estado – Maior do Exército, o que ocorreria no final do século XIX. O projétil que o feriu ele doou ao Museu da AMAN, bem como o seu uniforme perfurado a bala, quando comandava uma peça de Artilharia;



Capa da Revista do Brasil , e a relação ao lado dos historiadores que participaram desta edição histórica

Muitos dos segredos do movimento republicano foram levados para o túmulo por seus principais protagonistas, mas com a reconstituição dos movimentos de Deodoro, é possível acompanhar os principais lances da conspiração militar

Deodoro: O destino de um soldado

Cel CLAUDIO MOREIRA BENTO

Diretor do Arquivo Histórico do Exército e sócio dos IHGB e IGHMB

A versão mais corrente da Proclamação da República diz que este fato histórico ocorreu logo após a entrada do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca no Quartel-General do Exército, no local do atual Palácio Duque de Caxias e então sob as ordens diretas do Marechal Floriano Peixoto, Ajudante-General do Exército. Segundo alguns, depois de dominada a situação, Deodoro teria proclamado a República ao vivá-la tão logo transpôs o porta principal do QG. A cena foi immortalizada por Henrique Bernardeili na tela “**Proclamação da República**”, que integra o acervo da AMAN. Mas quando se examinam os poucos testemunhos disponíveis, a impressão que se tem é de que o Marechal Deodoro não proclamou a República naquele momento, mas simplesmente derrubou o Gabinete Ouro Preto, reunido na Secretaria de Guerra, no segundo andar do prédio, sobre o seu portão principal. Foi isso o que realmente aconteceu.

As fontes existentes permitem uma reconstituição satisfatória das ações do Marechal Deodoro no dia 15 de novembro — mas não com segurança o de seus intentos políticos — e dos principais lances da muito bem urdida, bem sucedida e incruenta conspiração político-militar. Os segredos do movimento foram levados para o túmulo por seus principais protagonistas — marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, tenente-coronel Benjamim Constant Botelho de Magalhães e o major Solon Ribeiro, no Exército — o que deixou um vazio na história do 15 de Novembro, permitindo o surgimento de diversas versões.

Da análise da situação, à luz das fontes disponíveis, é possível fazer a reconstituição que expomos a seguir.

Com a morte de Osório e Caxias, emergiram os problemas entre o classe militar e o Governo, o que veio a originar a **Questão Militar** ao longo da qual despontaram como líderes da classe militar o Marechal-de-Exército José Antonio Correia da Câmara e o Marechal-de-Campo Manoel Deodoro da Fonseca, assinalados heróis da Guerra do Paraguai. E a luta de ambos durou de 1881 /1889. Em 1881, o Marechal Deodoro e seu irmão, General Severiano Martins (não confundir com o Dr. João Severiano) já integravam

o **Diretório Militar** que se reunia no consistório da Igreja da Santa Cruz dos Militares. O objetivo do Diretório era conseguir que oficiais do Exército e da Marinha disputassem cargos eletivos pelos partidos Liberal e Conservador, para, na Câmara e no Senado, defenderem democraticamente interesses da Classe Militar que não vinham sendo atendidos e que acabariam por provocar a **Questão Militar de 1883-88**. Ambos os partidos “cristianizaram” os candidatos militares e nenhum se elegeu. Em palestra realizada a 18 de julho último, no curso “**Os militares e a Proclamação da República**”, Américo Jacobina Lacombe disse ter sido isso causado pelo desequilíbrio entre a classe dos bacharéis em Direito e o dos militares na administração pública e na representação parlamentar.

Dai surgiu, ainda mais tarde — segundo se deduz de carta do Dr. João Severiano ao seu irmão, Marechal Deodoro, quando este foi enviado em missão a Mato Grosso, depois da fundação do **Clube Militar (26 Jun 1887)** — um esforço conjunto dos partidos Liberal e Conservador para anularem influência crescente no Exército do Marechal Deodoro da Fonseca e do General Severiano Martins, seu irmão, então Ajudante-General do Exército, com a função de comandar de mereceu oportuno e valioso estudo do General Alberto Martins da Silva, grande estudioso da família Fonseca.

O partido Republicano, em crescimento acelerado, tudo percebia e aguardava o momento ideal para tirar proveito desse confronto entre classe militar e governo.

Ao penetrar no interior do Quartel-general, sem reação, Deodoro, segundo Pedro Calmon, “**apoderou-seda situação, conquistou o Governo e passou a presidir o futuro**”.

Deodoro e Floriano dúvidas e críticas

Acreditamos que então Deodoro só desejasse substituir tomou conhecimento que o Gabinete deposto, seria substituído por outro chefiado pelo senador gaúcho Gaspar Silveira Martins, velho e figadal desafeto de Deodoro. Não existem maiores dados que permitam uma conclusão definitiva.

Ecreveu o ex-ministro do Exército, General-de-Exército Aurélio de Lyra Tavares, no seu livro **Anstides Lobo e a República**.

“Deodoro, ele próprio, como chefe natural, não estava seguro das consequências e das responsabilidades que lhe caberiam depois, nem até que ponto iria chegar, limitando-se, quanto à eventualidade natural da composição do futuro ministério, a expor o seu pensamento; ficaria a seu cargo e de Benjamin Constant a decisão sobre assuntos militares, ao passo que as de caráter civil caberiam a Quintino Bocaiúva, com os políticos civis engajados no movimento”.

É possível que os fatos de 15 de novembro de 1889 tenham tido o seguinte curso: conquista do Quartel-general por Deodoro; derrubada do Gabinete Ouro Preto; desfile liderado por Deodoro pelas ruas do Rio de Janeiro até o Arsenal de Marinha, onde

conquistou apoio oficial da Armada; tentativa de D. Pedro II de formar o Gabinete Silveira Martins, o que teria desgostado muito Deodoro; pressão dos republicanos, militares e civis, em prol da República; proclamação da República por Deodoro, em casa, à tarde, após estar seguro de haver dominado a situação e empolgado o poder de modo irreversível. Um buraco negro que ficou na história da Proclamação da República consiste na ausência de explicação e reconstituição das ações e pensamentos do Marechal Floriano Peixoto nos dias 13, 14 e 15 de novembro de 1889. Por isso, seu biógrafo Salm de Mirando escreveu, em **Floriano**:

“O Marechal-de-Campo Floriano Peixoto é, incontestavelmente, um dos personagens mais discutidos da Proclamação da República. Os maiores ataques que lhe têm sido feitos, as maiores dúvidas contra ele o focalizam durante a jornada de 15 de novembro. Acusam-no uns de desleal, porque sendo Ajudante-general do Exército, praticamente o co mandante do Exército, não reuniu forças, não tomou providências nem comandou a resistência. Acusam-no outros de duplicidade de atitude, porque estava junto no Gabinete Ouro Preto, reunido no Ministério do Exército, apesar de admitir seu comprometimento com a conspiração; acusam-no ainda de apático e indiferente aos graves acontecimentos de que foi parte”.

Aqui é importante lembrar o que disse o líder civil do movimento, Quintino Bocaiuva, sobre a participação do Marechal Floriano na conspiração que resultou no 15 de novembro:

“O Floriano era dos nossos havia muito. Era mesmo dos que estavam senhores do movimento. Era apenas cauteloso, com ronha (astúcia) que todos lhe conheciam. De vez em quando, dizia: “Vejam bem o que vão fazer. Não se precipitem!” (Fonte: Idéias políticas de Quintino Bocaluva. 1987, V. 1 p/646).

Para o Marechal Rondon, tesmunha e também um dos protagonistas do 15 de novembro de 1889, a principal preocupação de Floriano era evitar derramamento de sangue neste dia — o que *foi* conseguido.

Até hoje os historiadores não conseguiram elaborar uma versão aceitável dos diálogos travados entre Deodoro e o visconde de Ouro Preto, por ocasião da deposição do Gabinete. As palavras colocadas nas bocas do Marechal Deodoro e de Ouro Preto merecem versões diversas. O próprio visconde de Ouro Preto relatou, ao escrever sobre o episódio no exílio em seu **Manifesto de Lisboa**

“O Marechal Deodoro declarou que o Ministério estava deposto e que organizaria outro de acordo com indicações que iria ler ao Imperador. Quanto a este, conduiu, teria sua dedicação, pois era seu amigo e devia-lhe atenções”.

Esta versão foi rebatida por Clodoaldo da Fonseca, sobrinho do Marechal, Deodoro..

Assim, em torno do objetivo político fundamental do Marechal Deodoro em 15 de novembro de 1889 existem duas correntes:

— O objetivo de Deodoro em 15 de novembro de 1889 era apenas depor o Gabinete Ouro Preto, por ser hostil ao Exército, e substituí-lo por outro, que proporia ao Imperador;

2— Deodoro tinha por objetivo depor o Gabinete Ouro Preto e em seguida implantar a República. Coloco-me ao lado desta corrente.

Politicamente, o Marechal Deodoro não se definia como republicano e sim como conservador em razão de **“só os conservadores terem defendido o Exército”**. Mas possuía uma larga vivência com familiares republicanos. A operacionalidade do Exército e o trato justo dos problemas da classe militar, descuidados de 1870-89 pelo Império, foram as motivações principais de sua luta, ao que culminou com a Proclamação da República.

A Reforma Militar executada em grande parte por seu sobrinho, Marechal Hermes da Fonseca, de 1904 a 1914, era o seu sonho profissional, segundo captou, por tradição familiar, seu parente, o historiador Roberto Piragibe da Fonseca, filho de seu sobrinho e ex-Ajudante-de-Ordens Clodoaldo da Fonseca. Ideal que Deodoro chamava de **“Reforma Redentora” do Exército**, mas que não lhe foi possível sequer encaminhar, pois este problema vital até sofreu um retrocesso com o **Regulamento de Ensino de 1890**, do Ministro da Guerra Benjamin Constant, de inspiração positivista. Esse regulamento agravou ainda mais o problema da operacionalidade do Exército, pela predominância do bacharelismo sobre o profissionalismo, este só reabilitado a partir do Regulamento de Ensino de 1905.

“Eu sou as minhas circunstâncias”, afirmou o filósofo Ortega y Gasset. Assim, abordaremos a seguir as circunstâncias político-militares que envolveram o Marechal Deodoro de 1870, até 15 de novembro de 1889 e neste dia, para melhor compreendê-lo e o seu papel na História da centenária República em que vivemos.

Antecedentes político-militares de Deodoro

Deodoro voltou da Guerra do Paraguai sacralizado por seu heroísmo. Conquistou as promoções de major, tenente-coronel e coronel por **atos de bravura**. Foi também premiado por outros feitos de bravura, por condecoração específica a título de **“reiterados atos de bravura”** em combate. Em certo momento salvou a vida do General Osório, o legendário.

1873— Coronel-comandante do Regimento Mallet em São Gabriel-RS, Deodoro ingressa na Maçonaria, na loja **Rocha Negra**, fundada para promover a Abolição e a Instrução Pública. Mais tarde, como Chefe de Governo, seria elevado a **Grão Mestre da Maçonaria no Brasil**.

14 Out 1874— Deodoro deixa o comando do Regimento Mallet, por ter sido promovido a brigadeiro. É designado comandante da Fronteira Livramento-Quaraí.

23 Fev 1881 —Participa, no Rio de Janeiro, da Fundação do **Diretório Militar**, juntamente com o General Severiano Martins, seu irmão. A entidade mais tarde se transformaria no Clube Militar/ tendo como órgão de divulgação o jornal **O Soldado**.

1883— E apresentado projeto de lei instituindo um montepio à base de contribuições dos militares e alterando a reforma dos militares. O projeto suscita reações na classe militar e é abandonado.

01 Jan 1884— Editado o primeiro número do jornal **A Federação**, dos republicanos gaúchos, que passou a apoiar os militares na Questão Militar.

30 Ago 1884— Deodoro é promovido a Marechal-de-Campo.(hoje General de Divisão).

23 Ago 1885— E nomeado Quartel-Mestre- General do Exército e portanto responsável pelo Apoio Logístico em estacionamentos do Exército.

26 Set 1885— E nomeado Comandante-das-Armas da Província do Rio Grande do Sul.

Mar 1886 — O Tenente-Coronel Sena Madureira publica artigo abolicionista em Porto Alegre.Foi violentamente atacado através da Imprensa pelo parlamentar Franco de Sá, e revida e, em conseqüência, é punido. Recebe a solidariedade da classe militar e de seus líderes, Marechais Deodoro e Câmara, Tem início a principal vertente da chamada **Questão Militar**.

30 Mar 1886— Júlio de Castilhos, em **A Federação**, diz no artigo **A classe militar. que o Governo “ofendeu os brios do Exército no incidente Sena Madureira”**.

03 Set 1886— Deodoro, Presidente Interino do Rio Grande do Sul, é interpelado pelo Ajudante-General do Exército pelo fato de não ter coibido seu subordinado Sena Madureira de discutir publicamente através da Imprensa e responde que não o fez em razão do regulamento vetar discussões pela imprensa entre militares, mas não entre militares e civis.

3º Set 1886— Deodoro, ainda Presidente e Comandante das Armas do Rio Grand do Sul , permite que toda a guarnição do Exército de Porto Alegre se reúna em homenagem Sena Madureira, ao que se junta o jornal republicano **A Federação** de Júlio de Castilhos.

04 Out 1886— Inquirido pelo Presidente do Conselho de Ministros Cotegipe sobre punição não imposta a Sena Madureira, Deodoro reafirma **“a impraticabilidade de aplicação dos regulamentos militares disciplinares aos atos públicos entre civis e militares”**, o que equivaleria a deixar-se os militares sem defesa, enquanto que imunidades parlamentares **“tudo permitiriam”** no caso a um senador. Neste dia, Deodoro, conservador e Câmara, liberal, portanto adversários políticos, fizeram as pazes e irmanaram-se na Questão Militar.

06 Out 1886 — Deodoro solidariza-se, em carta a Cotegipe, com os militares do Rio Grande perseguidos pelo Ministro da Guerra (um civil).

09 Out 1886 — O senador Gaspar Silveira Martins, no Senado, conclama o governo a prender Deodoro, recolhê-lo à Corte e submetê-lo a Conselho de Guerra. (Existe uma versão de que este senador seria o Presidente do Conselho de Ministros que

sucederia Ouro Preto, derrubado por Deodoro em 15 Nov, caso não tivesse proclamado a República.)

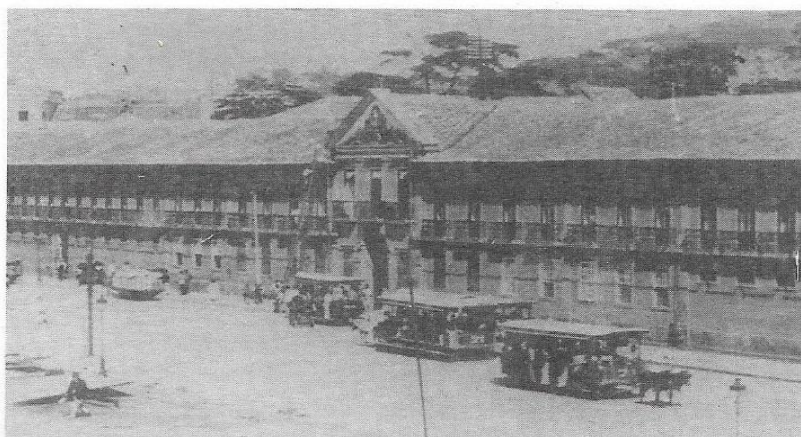
01 Nov 1886— Deodoro é substituído na Presidência do Rio Grande do Sul (cargo político) depois de censurado por Cotegipe por **“incentivar manifestações de indisciplina”**. Quinze dias depois, ele reafirmaria ao ministro sua solidariedade aos militares ofendidos por parlamentares.

22 Dez 1886— É exonerado a pedido do Comando-das-Armas e da Vice-presidência da Província do Rio Grande do Sul.

08 Jan 1887—Participa, na casa do senador Marechal Câmara, de homenagem ao Tenente-Coronel Sena Madureira.

10 Jan 1887— Deodoro e Sena Madureira, exonerados de seus comandos, retornam, à Corte. No dia 29 do mesmo mês, os dois são homenageados por alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio. Em consequência, o irmão de Deodoro, Brigadeiro Severiano Martins, pede demissão do comando da Escola Militar.

02 Fev 1887— Deodoro preside, no **Teatro Recreio Dramático**, reunião em que a oficialidade presente aprova envio de um apelo ao Imperador para que anule as punições decorrentes de avisos e é escolhido representante da reunião, com aquele fim.



Fachada do QG do Exército. Na sala localizada acima do portão principal, foi deposto o Gabinete Ouro Preto



Campo de Santana, palco dos principais acontecimentos do 15 de Novembro. A esquerda o Quartel General do Exército. Sobre esta área e sua evolução histórica a FHE-POUPEX publicou album de nossa autoria intitulado Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil. Rio de Janeiro, FHE POUPEX, 1988. E também se refere a esta área Album de nossa autoria publicado pela FHR-POUPEX. A Guarnição do Exército do Rio de Janeiro na Proclamação da República. Rio de Janeiro: FHE-POUPEX, 1989. Também publicamos o livro O Exército na Proclamação da República, 1º lugar em concurso da BIBLEx então publicado pelo SENAI, na presidência do Coronel Arivaldo Silveira Fontes.

03 Fev 1887— Deodoro escreve ao Imperador solicitando a anulação de punições baseadas nos revogados avisos disciplinares, e dois dias mais tarde é demitido do cargo de Quartel-Mestre General, ficando sem comissão por longo tempo.

12 Fev 1887— Joaquim Nabuco alerta que a Monarquia está lançando as Forças Armadas nos braços dos republicanos. Deodoro escreve o D. Pedro II e acusa o Ministro de trair o Imperador na Questão Militar.

11 Mai 1887—O Supremo Tribunal de Justiça STJ absolve Deodoro da acusação de desvio de verba do Exército, feita por Euletério Camargo, parlamentar liberal gaúcho, ex-Ministro da Guerra e também Engenheiro Militar, e a mando de Gaspar Silveira Martins.

Mai 1887— Deodoro e Câmara firmam o **Manifesto dos Generais**, redigido em parte por Ruy Barbosa, solicitando o cancelamento das punições de Sena Madureira. O Manifesto atinge o seu objetivo.

20 Mai 1887— Gaspar Silveira Martins consegue que o Senado aprove moção ao Governo para cancelar punições — Cotegipe acede. Isto marca o fim da Questão Militar.

21 Mai 1887—Deodoro é alertado por Júlio de Castilhos em **A Federação**, bem como o Exército, de que a atitude conciliatória do Governo em relação à classe militar tem por objetivo **“encobrir uma pérfida vingança no futuro, já que o Gabinete Cotegipe permanece no poder.”**

26 Jun 1887— Deodoro preside afundação do **Clube Militar** sendo aclamado seu presidente. A entidade surgiu como corolário da **Questão Militar**. (Ver Revista do **Clube Militar** n° 281, 1987, comemorativa do centenário do Clube Militar. Revista que coordenamos como seu Diretor e do Departamento Cultural no Centenário do Clube)

10 Jul 1887— Floriano, em carta a João Neiva, escreve:

“Via solução da Questão Militar. Excedeu sem dúvida a expectativa de todos. Fato único que prova exuberantemente o podridão que vai por todo este país. Portanto há necessidade de uma ditadura militar para expurgá-la. Como liberal que sou, não posso querer para meu país o governo da espada. Mas não há quem

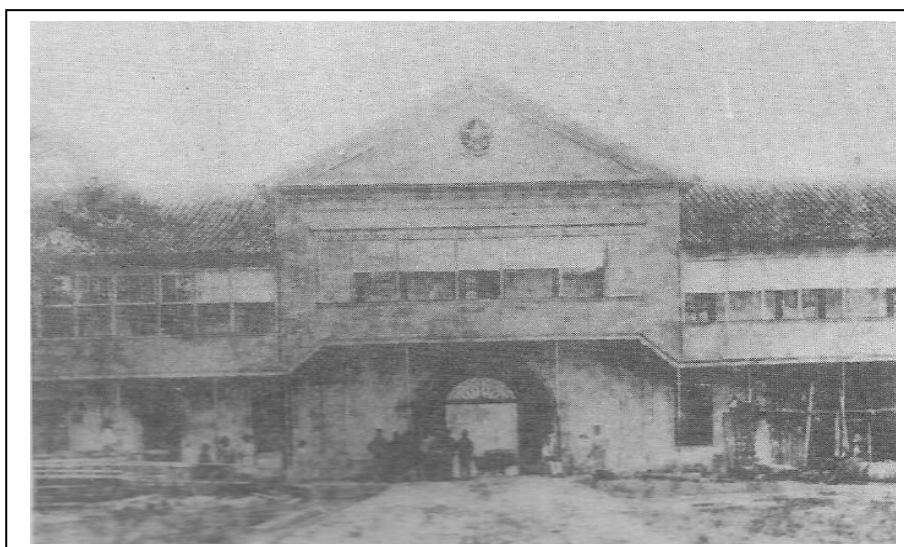
desconheça e aí estão os exemplos, de que é ele o que sabe purificar o sangue de corpo social, que como o nosso está corrompido. O que pensas a respeito! (Fonte: MIRANDA, Salm. Floriano. p. 56)

6 Out 1887— Deodoro firma como Presidente do Clube Militar petição à Princesa Regente Izabel solicitando a liberação do Exército de encargos relacionados com a prisão de escravos fugidos. Isto, segundo o Marechal Rondon, acelerou a Lei Aurea e equivaleu a decretá-la.

Março 1888— Queda do Gabinete Cotegipe em função de incidente com a classe milita gerado pela prisão em xadrez policial de um oficial reformado do Marinha. Este fato incendeia os ânimos do Clube Naval.



Central do Brasil à época da proclamação da República. A direita, a lateral do QG do Exército



O portão principal, visto do pátio interno do QG. No alto, ao centro, as janelas da Secretaria de Guerra. Fotos cedidas pelo Arquivo Histórico do Exército

8 Jul 1888— Deodoro é nomeado para o Comando-das-Armas da Província de Mato Grosso, em uma manobra para afastá-lo da Corte e ao seu irmão Severiano Martins, Ajudante-General do Exército.

Destacamento de Conservação, composto inclusive de tropas da guarnição da Corte.

02 Jun 1889 — Gaspar Silveira Marfins assume a Presidência do Rio Grande do Sul. Toma posse à frente do Gabinete o Visconde de Ouro Preto.

08 Jul 1889 — Mal Floriano é nomeado interinamente Ajudante-General do Exército. Foi vetado pela Princesa Izabel para o Ministério da Guerra.

09 Set 1889— Correm rumores de que a segurança da cidade do Rio de Janeiro será entregue à Guarda Nacional, em substituição ao Exército, cujas unidades começam a ser transferidas para o interior do Brasil.

13 Set 1889— Deodoro é homenageado pela oficialidade do 23º Batalhão de Infantaria por motivo de seu retorno de Mato Grosso. Os promotores da homenagem são punidos e transferidos.

04 Nov 1889— Deodoro recebe em sua casa (atual Casa de Deodoro, do Museu Histórico do Exército) o Tenente-Coronel Benjamin Constant e outros oficiais que o convidam para aderir à conspiração para proclamar a República. Nesta ocasião, Deodoro teria aderido ao movimento ao declarar a Benjamin Constant: **“Você tem razão, Benjamin, o velho já não governa mais. Vamos fazer a República”** (Segundo Heitor Lyra em História da queda do império.)

09 Nov 1889— Reunião do Clube Militar na qual são delegados a Benjamin Constant poderes para levar o problema às últimas consequências. Aí ficou decidida a Proclamação da República.

10 Nov 1889— Deodoro recebe em sua casa visita de Benjamin Constant, que lhe comunica as deliberações do Clube Militar. Benjamin tenta convencê-lo da necessidade da derrubada da Monarquia. Neste dia, o 22º BI embarca, por ordem do Governo, para fora do Rio, aconselhado pelos conspiradores a não reagir. No encontro, Benjamin Constant manifesta sua preocupação quanto à real posição de Floriano Peixoto, ao que teria respondido Deodoro:

“Não há dificuldade. Nas questões militares, sempre que abordei Floriano, ele declarou-me que não se meteria em coisa alguma para derrubar ministério. Uma vez, porém, ele pegou um botão de sua farda com dois dedos e falou — Seu Manoel, a Monarquia é inimiga disto. Se for para derrubá-la, estarei pronto”.

Já vêm os senhores que quem assim fala há de acompanhar-nos”.
(Fonte: MONTEIRO, Tobias. *Pesquisas e depoimentos para a história*. Rio de Janeiro: E. Alves, 1913).

11 Nov 1889— Oficiais do 1° RC, do 9° RC, do 2° R Art e das escolas Superiores de Guerra e Militar firmam pactos de sangue em apoio a Benjamin Constant, a quem aderem sem reservas, para lutar contra o **“espezinhamento e aniquilamento do Exército”**. Todos estes elementos, menos a Escola Militar aquartelavam-se em São Cristóvão e constituíam a 2° Brigada do Exército. Delas faziam parte os alferes alunos Cândido da Silva Rondon e Augusto Tasso Fragoso. Deodoro recebe em sua casa, em reunião articulada por Benjamin Constant com Aristides Lobo, este e mais o líder civil do movimento, Quintino Bocaiúva, Ruy Barbosa e Francisco Glycério. Faria união da liderança civil com a militar.

12 Nov 1889— Reassume o Ministro da Guerra, Visconde de Maracaju, enfermo há 12 meses. Face a insistentes rumores na imprensa sobre a queda iminente da monarquia, Ouro Preto e o Ministro da Guerra são assegurados pelo Ajudante-General do Exército, Marechal Floriano Peixoto de que **“a situação é de completa normalidade”**. O barão do Rio Apa, irmão do Ministro da Guerra, passa o comando da 1° Brigada ao Brigadeiro Almeida Barreto.

13 Nov 1889—Deodoro convoca à sua casa o Marechal Floriano Peixoto. Este comparece ao encontro entre às 10 e 11 horas da manhã. Deodoro comunica a posição de sublevação do Exército e diz que se encontra à frente dos seus companheiros, segundo duas fontes citadas por Salm de Miranda em **Floriano** (Rio, Bibliex, 1963, p. 104-108). São distribuídos, desde o dia anterior, nos quartéis do 1°RC e 10° BI, 1.º e 9° RC e 2° RA, exemplares dos jornais **Correio do Povo** e **O País** abordando as péssimas condições em que a **Monarquia** deixara o Exército.

14 Nov 1889 — O Marechal Floriano alerta o Ministro da Justiça para a conspiração em curso e invoca sua lealdade ao Governo e sua disposição de combater qualquer levante contra ele. Benjamin Constant consegue no Clube Naval a adesão do Chefe de Divisão Eduardo Wandenkolk ao movimento para derrubar a Monarquia. Deodoro tem sua vida ameaçada ao ser tomado de forte crise de asma brônquica crônica, tendo que permanecer até o início da noite no Andaraí, na casa do seu irmão, Dr. João Severiano da Fonseca, e atual Patrono do Serviço de Saúde, segundo informou o Gen Medico Dr. Alberto Marfins da Silva.

O Major Solon Ribeiro, futuro sogro de Euclides da Cunha, espalha na rua do Ouvidor boatos de que haviam sido presas pelo Governo, ao anoitecer, o Marechal Deodoro e Benjamin Constant, e de que a **Guarda Negra** — integrada por ex- escravos e organizada em 1888 por José do Patrocínio para defender a Princesa Izabel dos escravagistas — iria atacar a 2° Brigada, em São Cristóvão. O boato surte efeito e precipita os acontecimentos. Floriano não comparece à reunião em casa de Ouro Preto a fim de dar esclarecimentos sobre a carta que enviara ao Ministro da Justiça. Ouro Preto se recusa a desmentir rumores sobre a suposta prisão de Deodoro, o que só faz muito tarde. O Marechal Floriano mantém-se evasivo em relação a Ouro Preto, enquanto a conspiração caminha acelerada.

15 Nov 1889—O visconde de Ouro Preto, ainda de madrugada, decide reunir todo Gabinete no dia seguinte, no Quartel-General do Exército, no Campo de Santana, para enfrentara sublevação da 2° Brigada. A seguir, telegrafa ao Imperador informando-lhe da sublevação.

Relata Quintino Bocaiúva:

“Neste mesmo dia 15, o Ministério reunido toma providências e nós, os republicanos, seríamos trancafiados. E coisa interessante! os planos que traçamos por longos dias para apanhar reunido o Ministério foi por si mesmo nesse dia realizado. O Ministério veio por iniciativa própria meter-se em ratoeira no Quartel-General, impossibilitando qualquer ato de energia da parte do Governo contra a revolução...” (Fonte: *Idéias políticas de Quintino ... p. 645*)

Ações e movimentações de Deodoro em 15 de novembro de 1889

Já apresentando algumas melhoras após o ataque de asma brônquica de que foi acometido no dia 14, quase o levando à morte, Deodoro retornou do Andaraí, no final da noite de 14, para a sua casa. Mandava por seu irmão, 2º Tenente reformado Pedro Paulino, e seu sobrinho Hermes da Fonseca, ambos republicanos, recado a Benjamin Constant de que se colocaria à frente da 2º Brigada, vinda de São Cristóvão. Assim reagia ao alerta enviado pelo Dr. Benjamin Constant através de sua esposa, em sua casa, no fim da noite de 14 e seguramente, também de Quintino Bocaiúva, segundo depoimento deste.

Deodoro levantou-se cedo, fardou-se de Marechal-de-Campo e embarcou, sem a espada, numa caleça, levando num saco seus arreios. Foi ao encontro da 2º Brigada e a encontrou na altura do Gasômetro, hoje Companhia Estadual de Gás. Reconhecido, foi aclamado calorosamente. Assumia o comando das tropas da 2º Brigada assim dispostas em coluna: 1º Regimento de Cavalaria; oficialidade da Escola Superior de Guerra, transformada em Guarda de Honra de Benjamin Constant (que trazia a seu lado Pedro Paulino, irmão de Deodoro); o 2º Regimento de Artilhada com 16 peças, protegidas por homens a pé do 9º Regimento de Cavalaria e, na retaguarda, uma carroça de munições e sobre os armões cunhetes de munição de Infantaria, para serem distribuídos aos alunos da Escola Militar e alguns praças do 1º Batalhão de Engenheiros, esperados da Praia Vermelha, sob o comando de Marciano, irmão de Benjamin Constant.

Com certa dificuldade, em razão dos efeitos do ataque de asma do dia anterior Deodoro deslocou-se na caleça até local próximo ao Campo de Santana. Ali montou no baio nº 6 do 1º Regimento de Cavalaria cedido pelo Alferes do 1º RC, Eduardo Barbosa, e ajudado por Pedro Paulino, e foi colocar-se à frente do portão do Campo de Santana, já aberto. Dispôs a tropa diante do Quartel-General do Exército, onde se encontrava reunido o Gabinete Ouro Preto e determinou ao general Almeida Barreto — que defendia o QG, mas estava comprometido com a revolução — que se incorporasse ao dispositivo revolucionário. Isto só aconteceu 15 minutos depois quando Benjamin Constant transmitiu pessoalmente sua determinação ao General. Essa tropa era constituída de Imperiais Marinheiros e parte do Corpo Militar de Polícia da Corte.

Deodoro fez um sinal de irritação com o braço, pedindo silêncio à tropa quando esta ovacionou Quintino Bocaiúva em sua chegada ao Campo, montado num cavalo tordilho, depois de ter dado um viva à República. (Fonte: **Senna, Deodoro**) Percebeu então que se aproximava do QG, para nele ingressar, o Ministro da Marinha, Barão de Ladário, e mandou prendê-lo por seu Ajudante-de-ordens, tenente Adolfo Pena Filho. O

barão de Ladário resistiu a bala, à ordem de prisão. Atirou com uma pistola de dois canos, um tiro no tenente Pena Filho e outro em Deodoro, errando ambos o alvo. A escolta reagiu e feriu levemente a bala o Barão de Ladario , que só não foi morto em virtude da ordem de Deodoro: **“Não atirem neste homem!”** O Barão foi medicado na antiga residência do Conde de Itamarati pouco depois transformada em sede do Governo do República.

Deodoro, ao tomar posição, tinha enviado o Tenente-Coronel Silva Teles, comandante do 1º RC, ao Marechal Floriano, dizendo que já podia conferenciar com Ouro Preto. Este responde negativamente, justificando que nenhum comando fora confiado a Deodoro pelo Governo e que ele, Ouro Preto, não podia conferenciar com um general que se apresentava em revolução contra o Governo legal. Pouco depois das nove horas da manhã, Deodoro aproximou-se do Quartel-General, defendido por cerca de mil homens ali dispostos durante a madrugada sob o comando do Barão de Apa, irmão do Ministro da Guerra, Visconde de Maracaju, primo de Deodoro.

Com o concurso do capitão Pedro Paulo da Fonseca Galvão e de praças do 1º Batalhão de Infantaria, que guardavam o Quartel-general, este foi aberto. Por ele precipitou-se Deodoro, a galope e descoberto, com o boné na mão direita, conforme o cena imortalizada por Henrique Bernardelli. No pátio, estavam dispostas as seguintes forças de defesa: Imperiais Marinheiros guarnecendo uma metralhadora bem diante do portão; o Corpo de Fuzileiros; contingente do 1º Batalhão de Infantaria de Guarda ao QG; Força de Bombeiros, 7º Batalhão de Infantaria, que aquartelava-se no Mosteiro de Santo Antônio e que constituía a principal força da 1ª Brigada. Ao passar pela banda do 7º BI, Deodoro ordenou que abrisse o toque a que tinha direito. Um capitão do batalhão deu um viva ao Marechal Deodoro, que foi respondido por toda a tropa no interior do Quartel.

Deodoro estava senhor da situação: determinou às tropas que estavam no interior do QG que formassem na parte externa com a 2ª Brigada.

Deodoro desmontou e ao lado de Benjamin Constant e visivelmente abatido e combalido, subiu com dificuldades ao andar superior acompanhado de diversos oficiais, onde estava reunido na Sala da Secretaria de Guerra, desde o amanhecer todo o Gabinete Ouro Preto, assim composto (menos o barão de Ladário): Chefe do Gabinete de Ministros: Visconde de Ouro Preto; Ministro da Guerra: Visconde de Maracaju; Ministro do Império: Barão de Loreto — (Fundador da Bibliex); Ministro da Justiça: Cândido de Oliveira; Ministro da Agricultura: Lourenço de Albuquerque; Ministro de Estrangeiros: José Francisco Diana.

Ouro Preto acabava de redigir um telegrama ao Imperador, que entregou ao Diretor-Geral da Secretaria de Guerra, Barão de Itaipu, para que fosse pessoalmente à Estação Central dos Telégrafos. O texto da mensagem era o seguinte:

“Senhor o Ministério sitiado no Quartel-general da Guerra, à exceção do Sr. Ministro da Marinha, que consta achar-se ferido em casa próxima, tendo por mais de uma vez ordenado de balde, por ordem do Presidente do Conselho e do Ministro da Guerra, que se repelisse pela força a intimação armada do Marechal Deodoro, e diante das declarações feitas pelos generais visconde de Maracaju, Floriano Peixoto e barão do Rio Apa de que, por não contarem com tropa reunida,

não há possibilidade de resistir com eficácia, deponho nas augustas mãos de Vossa Majestade ó meu pedido de demissão. A tropa acaba de fraternizar com o Marechal Deodoro, abrindo-lhe as portas do quartel. (Fonte: SENNA. Deodoro p.87)

Ao penetrar na sala da Secretaria de Guerra, Deodoro deparou com Ouro Preto de pé, apoiado no encosto da cadeira. Dirigiu-se ao Ministro da Guerra com estas palavras: ***“Adeus, primo Rufino”***. A seguir, falou que se colocara à frente do Exército para vingar as gravíssimas injustiças e ofensas recebidas do Governo, as quais enumerou. Declarou que o Ministério estava deposto e que todos os ministros poderiam retirar-se para suas casas e que seria organizado outro Gabinete de acordo com indicações que ia levar ao Imperador... As críticas eram dirigidas a Ouro Preto e a Cândido de Oliveira. No tocante ao Imperador segundo Ouro Preto, Deodoro teria declarado:

“Ele tem a minha dedicação; sou seu amigo, devo-lhe favores. Seus direitos serão respeitados e garantidos”.

Esta versão é rebatida como caluniosa por Cidoaldo Fonseca (**Deodoro e Ouro Preto**, p. 109).

Sítio e demissão

Ouro Preto disse que sempre que Deodoro se referia ao Exército, Benjamin Constant completava ***“e também da Armada”***. Ouro Preto comportou-se com brio e dignidade. Pouco antes, tentara por tudo levar o Ministro e o Ajudante-General a resistirem cercados a forças superiores apoiadas por 16 bocas de fogo. Nesta altura, um filho do Marechal Câmara, Ajudante-de-Ordens de Floriano, teria advertido:

“Esta ordem, Sr. Ministro, pode provocar entre nós, apenas, uma carnificina inútil e tremenda. Pense V. Exa. na responsabilidade e que terá tal loucura ordenando”. (Fonte: EDMUNDO, Luiz. **Como se fez a República**. p. 163)

Deodoro desceu para confraternizar diante do Quartel-General com as tropas do Exército, Marinha, Polícia e Bombeiros e colocou-se à frente das mesmas para um desfile. O 2º Regimento de Artilharia, enquanto Deodoro confraternizava com a tropa no interior do Quartel-General e depunha o Gabinete, deu uma salva de 21 tiros. Enquanto isto, já havia chegado ao Campo de Santana a Escola Militar, com praças do 1º de Engenheiros e mais o 10º BI, mandado para prendê-lo e que aderiu ao movimento.

A República

Deodoro colocou-se à frente das tropas do Exército, da Armada, da Polícia e do Corpo de Bombeiros e percorreu o seguinte itinerário: rua da Constituição, largo do Rosário — atual Tiradentes (sede do Clube Naval) — rua do Teatro, largo de São Francisco, rua do Ouvidor (sobrado 155 — sede do Clube Militar), redação do **Diário de Notícias**, onde estavam [opes Trovão, Aristides Lobo (que discursou), Silvio Romero e Almeida Pernambuco, jornal **A Cidade do Rio**, onde José do Patrocínio discursou, e redação da **Gazeta de Notícias**, onde falou Silva Jardim (segundo EDMUNDO, **Como se fez a República**, p. 168).

A tropa dobrou na rua 1º de Março, junto à igreja da Santa Cruz dos Militares, e foi fazer alto junto ao portão do Arsenal de Marinha, de onde surgiram os chefes de divisão Barão de Santa Marte, Wandenkolk e Foster Vidal. Deodoro opeou do cavalo e confraternizou com aqueles oficiais, agradecendo-lhes a cooperação da Armada. A seguir desincorporaram da coluna tropas do Corpo de Imperiais Marinheiros e do Corpo de Fuzileiros Navais. A coluna marchou pela atual rua Marechal Floriano até o Campo de Santana de onde tomou o destino de seus respectivos quartéis.

Deodoro voltou para a casa às 14 horas, bastante doente, e se manteve indefinido quanto à Proclamação da República. Os republicanos que o visitaram à tarde o encontraram prostrado. Foram recebidos por Benjamin Constant, que argumentou.

“Não se pode impor uma forma de governo ao povo, o Imperador ficará interdito. Convocarernos uma Constituinte” (Fonte: SILVA, Hélio. 1889—**A República não esperou** p. 127). Deodoro só pioclamou efetivamente a República, à tardinha, em casa, ao assinar como Chefe do Governo Provisório, o Decreto nº 1, referendado por seus ministros: Aristides do Silveira Lobo — Ministro do Interior; Ten-Cel Benjamin Constant— Ministro da Guerra; Chefe da Esquadra — E. Wandenkolk — Ministro da Marinha; Quintino Bocaiúva — Ministro das Relações Exteriores e interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

O Decreto nº 1 estabelecia, entre outros pontos:

“O Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil decreta:

Art 1º— Fica proclamada provisoriamente e decretada como forma de governo do Nação Brasileira a República Federativa.

Art 2º — As províncias do Brasil, reunidas pelos laços da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brasil.”

E prossegue dando outras providências.

Deodoro permaneceu no leito vários dias, sendo que todas as soluções encaminhadas por Benjamin Constant Quintino Bocaiúva, segundo depoimento deste, que se refere diversas vezes à doença de Deodoro entre os dias 14 e 15 de novembro:

“Deodoro, eu soubera na véspera — esta com o peito que era uma chaga, incapaz de apanhar um chinelo. Entretanto procurado em nosso nome, fez um esforço sobre-humano, fardou-se, pediu um carro e saiu pela manhã para São Cristóvão. () No Mangue, encontrou-se com a força (2º Brigado) e então aquele homem, quase morto, transfigurou-se ao som marcial dos clansl Saltou do corro, tomou o cavalo de um oficial e pôs-se à frente do corpo para comandara vitória”** (*Idéias política de Quiritino Bocaiúva*. p. 644)

A Casa de Deodoro, hoje integrando o Museu Histórico do Exército, foi em realidadeo local onde tiveram curso as mais graves decisões que levaram ao 15 de novembro e se sucederam a este acontecimento histórico, foi também a primeira sede do governo da centenária República do Brasil. E monumento que precisa ser preservado a todo custo.

Notas

1. BENTO, Claudio Moreira, Cel. **Quartéis-Generais das Forças Armadas**. Rio, FHE-POUPEX, 1988 (e inclusive a pesquisa básica mais ampla e detalhada existente no Arquivo Histórico do Exército e IHGB e 160 anos de nascimento do Marechal da BCM p. 17, nº 281.
2. CÂMARA DAS DEPUTADOS. O Ministério Ouro Preto e a República . **Perfil Parlamentar de Silveira Martins**. Brasília, Câmara dos Deputados, 1979, p. 77-84.
3. CONSTANT NETO, Benjamin. **Benjamin Constant**. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1940.
4. CORREIA, Leôncio **A verdade histórica sobre o 15 de novembro**. Rio de Janeiro , Imprensa Nacional 1939.
5. CUNHA, Epaminondas Ferraz da, Gen, O Exército (Guarnição do Rio de Janeiro) no dia 15 de novembro de 1889. **A Defesa Nacional**. nº 635, 1970. ISeparatal (fonte básical).
6. DUNLOP, C. J. **História dos bondes do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1953. v.2.
7. EDMUNDO, Luiz. Como se fez a República **In: A República Brasileira**. Rio de Janeiro , BIBLIEX, 1934, p. 142-178.
8. ESTADA-MAIOR DO EXÉRCITO. O Exército e a República **In: História do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro:, Sergraf. IBGE, 1972, v.2. p. 671 -674.
9. FONSECA, Clodoaldo, Gen. Deodoro e Ouro Preto **In: Deodoro e o Verdade Histórica**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937, p. 109-111 (Fonte muito esclarecedora)
10. FORTES, Heitor Gen. 2º Regimento de Artilharia **In: Velhos Regimentos**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1964, p. 95- 133.
11. FRAGOSO, Augusto Tasso, Gen. Revolvendo o passado. **Jornal do Commercio**. 1940 (Transcrita *in*: SILVA, Hélio. **A República não esperou...** p. 487-489.
12. GUIMARÃES, Tiago. Como se fez a República, um interview com o Gen. Quintino Bocaiúva **In: Idéias políticas de Quintino Bocaiúva**. Senado Federal e Casa Rui Barbosa. Central Graf. Senado, 1896. i, p. 640-646 (textos selecionados por Eduarda Silva).
13. JORNAL DO COMÉRCIO DE SÃO PAULO. Quinze de Novembro — reminiscências e restituições históricas. São Paulo, 17 Dez. 1903 (Transcrito pela RIHGB, LXXIII, Parte II, 1910 p. 124-145 (Entrevista do Visconde de Ouro Preto).
14. MIRANDA, Salm de, Gen. Floriano e a conspiração republicana e no 15 de novembro **In: Floriano**, Rio de Janeiro:, BIBLIEX, 1963, p. 94-128.
15. MOREIRA, Ilha, Mar. Deodoro o magnânimo **In: Deodoro e a verdade histórica**. Rio de Janeiro , Imprensa . Nacional,. 1937, p. 31-98 (Atribui a Deodoro, em 15 Nov., a frase “**A República é a nossa única saída e a salvação do Exército**”)
16. SENNA, Ernesto. **Deodoro — subsídios para a História — notas de um repórter**. Rio de Janeiro, 1913, p. 43-44 (Ata reunião de 09 Nov. no Clube Militar)
17. REVISTA DO CLUBE MILITAR nº 281 e 282, 1987 (Edições históricas comemorativas do Centenário do Clube Militarem 1987) (Fontes importantes).
18. SILVA, Hélio. Proclamação da República **in: A República não esperou amanhecer**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1972, p. 87-136.
19. TAVARES, Aurélio, Gen. Aristides lobo e os militares **in: Aristides Lobo e a República**. Rio de Janeiro , José Olimpyo, 1987, p. 66-71.
20. VIVEIROS, Esther de. A República **In: Rondon Conta a sua vida**. Rio de Janeiro, Coop Cult Esperantistas, 1969, p. 45.

(*) A este respeito, o ex-ajudante-de-ordens do Marechal Deodoro, Ilha Moreira escreveu em 1937.

“O Marechal Deodoro em matéria de República era assaz refletida, em se tratando de assunto de tão magna importância, como essa da transformação do regime política da nação. Assim, ele precisava cercar-se de garantias para que não fosse vítima de um fracasso, por não haver profundamente refletida”.

(* *) Segund a major Enfermeira da FEB Elza Cansação Medeiros, o peito e as costas do Marechal . Deodoro estavam em chagas em razão do uso de ventosas. **A Veja** em reportagem especial sobre a Proclamação, assinala que Deodoro no dia 15 de novembro não levou a espada e sim um revólver no bolso porque ela, presa ao cinto, castigava suas feridas. Cita como outras sintomas do mal de Deodoro falta de ar e inchação dos pés. Afirma a reportagem que Deodoro sofria de arteriosclerose. Disso discorda o general Dr. Alberto Martins da Silva, médico historiador estudioso da família Fonseca. Ele reafirma que a doença do Marechal Deodoro era asma brônquica crônica, exacerbada por estresse e mudanças do tempo.

O autor na época publicou os seguintes trabalhos na forma de albuns patrocinados pela FHE-POUPEX

BENTO, Claudio Moreira Bento. Quarteis Generaia das Forças Armadas do Brasil

_____ -A Guarnição do Rio de Janeitp na rovlamação da República.

_____. O Exército na Proclamação da República. Rio de Janeiro: SENAI, 1989.

_____ (Org) **Cadernos da Comissão Coordenadora das Comemorações dos Centenários da Republica e da criação da Bandeira Nacional.** Rio de Janeiro: BUBLIEX/SENAI, 1991. Obra com os seguintes artigos nossos sobre a Republica e a Bandeira:

- O Clube Militar na Proclamação da República p.29-39.

- Introdução à 1ª Sessão comemorativa do Centenário da Proclamação da República Brasileira em 25 agosto 1989.p.51.

- Introdução á 2ª Sessão comemorativa do Centenário da Proclamação da República Brasileira em 26 de outubro de 1989. p,.55.

-O Exército a época da Proclamação da República p.75/106.

- A Guarnição do Exército da Corte na Proclamação da República. p.107/128.

- Marechal de Campo Manuel Deodoro da Fonseca, Estado de Saúde, Ações e Objetivos politicos no dia 15 de novembro de 1889. ´p.142/157.

- Enfoques diversos sobre a Proclamação da República.p.223/244.

- Roteiro histórico da Proclamação da República p. 266/270.

Votos de que este nosso trabalho sirva de subsidio aos historiadores e profissionais militares em 2089 no Bicentenário da Proclamação da República.

Trabalho artezal realizado pelo autor aos 84 anos (digitalização, formatação e ilustração e revisão e deve por isto possuir falhas pela quais antecipadamente peço desculpas aos que dela tomarem conhecimento